

AO N.º 2622 DO



Sua ex.ª Antonio de tomar, pensava que tinha de todo esfolhado o paiz, mas como o Janota disse no seu relatório "que o paiz póde e deve pagar mais,, S. E. muito se congratula com esta declaração, e passa sem novidade em sua importante e desejada saúde.



De um collegio, que está algumas legoas distante de nós, nos veio o modello da caricatura de hoje, e que por falta de espaço não é acompanhado dos competentes commentarios. Comtudo, diz nos um dos rapazes do mesmo, que a palmatoria prohibida por D. Pedro, renasceu em uma escola de civilisação, onde os alumnos são destinados a terem a barba rapada.

Pelo amor de Deos, sr. redactor (to: diz um dos rapazes) seringue no seu BURLESCO este paparrótão, que nos manda dar bordada por um gallego!

Seringue esse peru entofado, que anda a quatro pés para o retrocesso!

Seringue-o bem, que nós não aprendemos o BA — ba — e não andamos vestidos de ganga azul, e quando de cá sahimos damos consideração e distincção!

Fóra a palmatoria, que é para meninas da mestra, e estampe-se o seu introductor...



no campo, colher flores, e gozar os encantos de uma atmosphera temperada. Mas que gozamos nós! Sahimos de casa

de manhã, e meia hora depois temos a batata que parece um rabanete, e sempre com pingo. Vainos ao campo, e ficamos as botas enterradas em barro, e por muito favor podemos tirar os pés, deixando as vezes dentro as pengas! Além d'isto encontramos o tio Rodrigo, e não só o dia nos foi aziago, mas até a semana, o mez, a estação, e talvez o anno todo.

Pela ordem natural das cousas modernas, esperamos vêr n'esta primavera muito catarro, neve, chuva de pedra, vento sul, o tio Rodrigo a marcar o compasso, e a contar-nos historias para entreter o serão. Se a primavera continua assim, collocamos na dura precisão de a caricaturarmos no *Burlesco*.

DUAS PALAVRAS A RESPEITO DOS MORGADOS.



nenhum dos redactores do BURLESCO é morgado, todos são filhos segundos.

Casa um rico e nobre patusco. De os Nosso Senhor pela sua misericordia dá-lhe um morgadinho para herdar os bens, o nome e o titulo! Depois cresce o rancho, e chegam todos á idade de conhecer qual é a sua mão direita.

O morgadinho é sempre o mais estimado, e para não ser mortificado em menino, fazem-se-lhe todas as vontadinhas, não vai a escola para não levar palmatoada, tomam-se-lhes mestres para casa para aprender muitas cousas, mas como é morgado vai tudo de troca, e o menino quando tem 20 annos é (salvas as honrosas excepções) um grandissimo maricas, que não sabe senão fazer caixinhas de moscas; e uns sahem esguios, outros roliços, alguns ficam corcundas, e quasi todos gagos, espantados, parvos, sovelões, e com lombrigas, porque sempre são golosos.

Morre o papá (expressão de morgado) e fica o morgadinho rico como um javardo, por que os mais rapazes ficam com uma bagatella.

Como o menino está em plena liberdade, começa a sua nova vida:

1.º acto. Cavallaria, carrinho, e jogatina.

2.º acto. Muitos amigos, muito carriche, e muita comedella.

3.º acto. Assignatura no theatro, pas-

seio á caixa nos intervallos, pasmaceira nos bastidores, cumprimentos ás coristas, e beliscão no algodão, supplemento á canella da bailarina.

4.º acto. Mystérios incomprehensíveis, obrigados a muita libra.

5.º acto. Ovação, litteratura, poesia, troca, e janotismo.

6.º acto. Está a patria em perigo.

7.º acto. Lamentações do alfaiate, sapateiro, chapelleiro, correiro, sejeiro, ferrador, comprador, e lacaios, com acompanhamento de fagote, e rebecca.

8.º acto. Visitas á Penha, cumprimentos ao prgo, e quasi nunca se acha em casa.

9.º acto. A pé — menos amigos e esses de mascara, e — não me seringues.

10.º acto. O mordomo de trem, com dois predios e uma quinta por seis vintena, emprestando dinheiro a juro, e não gastando as abas do chapéu em cumprimentar o antigo patrão.

11.º acto. Botim cambaio, chapéu encobado, e os amigos dão meia volta á direita na sua presença por que anda cahido.

12.º acto. Não ha vintem!

Farça. Demandas por um sarilho. Dança. Apanhar pés de burro, e andar ás sópas dos creados

Finalisa o espectaculo com as ultimas corteziás, que é a miseria.

Em quanto se representa este drama, o resto da rapaziada tiveram um desastre, por exemplo, quebraram, etc. etc., e ficaram a tenir. Ainda que o mano lhes queira valer, e á custa de experiencias já saiba o que é o mundo, e tenha um vintem de miolos novos, já não póde, por que nem vendido quarenta vezes a pezo póde pagar aos agiotas o que lhe emprestaram a 800 por cento, e do que era seu!

Morgados, véde-vos n'este espelho! E outros que o não são, véde se isto é bom!

Felizmente (como dissemos) não somos morgados, nem nunca o poderemos ser, mas temos um morgado de valor incalculavel, morgado de grande fundo, inexgotavel, e que vale mais que uma California, este é

O BURLESCO.

É tal o modo jucundo
O evento prospero, amigo
Que ao manhoso Dom Rodrigo
Saca a um transe tremebundo.
Era o anno aziago, immundo
Dezesete centos oito
Que acenava ao feio introito
Do malefico Anarquismo
Disfarçado em Monarquismo
Ou no avesso, dês vinte oito.

(D. Rodrigo, canto 1.º. est. 54.)



$7 \times 3 = 21 + 4 =$
 $25 - 8 = 17$
 $\frac{1}{4} + \frac{3}{5} + \frac{1}{8} =$

UM COLLEGIO NO FIM DO MUNDO

Lith R. da Esp^{ta} N.º 60